

Actualidade de Proust

Vítima dos fanáticos

José Cardoso Pires

Ainda hoje penso que não é fácil ler Proust «**du côté de chez Proust**», ou seja, com a descontracção de quem entra numa catedral do caos solidamente construída. Também me interrogo se muitos (como eu) conseguiram superar a paixão fria que ele provoca. Se hoje não se passeiam (como eu) de cumplicidade feita e em surtidas ocasionais por este ou por aquele volume, embalados por uma música realmente genial mas demasiado pautada pelos clássicos chavões dos ensaístas: o tempo perdido no tempo reencontrado, a renovação pela repetição, o divergir da narração em direcções contraditórias que convergem e se fecham, a agudeza doentia do olhar sentimental de Proust, os monólogos como transparências ondulantes sobre a acção — tanta coisa, sei

lá.

Depois, como todos os génios, Proust é também uma vítima dos seus fanáticos, já se sabe. Envolveram-no em odor quase blasé, criaram-lhe legendas de mártir de vida breve (Pascal, Spinoza, Saint-Just, Nietzsche morreram mais novos e mais dramaticamente), reduziram-no, em suma, a um animal literário. Isto enfatiou, está claro. Pagou-se pelo reverso, muitos jovens da minha geração espalmaram-no como um miosótis precioso a marcar as páginas do grande missal da Literatura.

Faudrait-il brûler Proust? Contra esta aleiviosidade protestou, lembro-me bem, João Gaspar Simões num capítulo da **Liberdade de Espírito**. Sim, foi aí. Mas desconfio que só muito mais tarde a «juventude daquele tempo» compreendeu sem preconceitos os preconceitos que a tinham empobrecido. ■